

A superação da aprendizagem na perspectiva da democracia educacional

Samuel Mendonça¹

samuelms@gmail.com

Ana Carolina Godoy Tercioti²

atercioti@yahoo.com.br

BIESTA, Gert. *Para além da aprendizagem: educação democrática para um futuro humano*. Tradução de Rosaura Eichenberg. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

Resenha

Gert Biesta é professor de teoria e política educacional, na Universidade de Luxemburgo, e editor da revista *Studies in Philosophy and Education*. Seu trabalho se centra na teoria e filosofia da educação e na pesquisa educacional, com particular interesse na questão da democratização. Biesta escreve sobre teoria e filosofia da educação, teoria da pesquisa educacional, ensino, aprendizagem, currículo, pedagogia, formação de professores e políticas públicas.

Para além da aprendizagem: educação democrática para um futuro humano é uma obra que discute questões que envolvem a educação, de modo geral, e a filosofia da educação, de modo particular. Questiona uma vertente da educação em uma sociedade democrática, porém comprometida com a pluralidade e a diferença, assim como a necessidade de uma definição do que é humano, para que possamos viver em sociedade. Destaca também a responsabilidade do educador nesse contexto. A obra, que tem como coordenadores Jorge Larrosa e Walter Kohan, dispõe de seis capítulos, prólogo e epílogo.

Para o autor, a questão sobre o que significa ser humano é filosófica, mas, acima de tudo, uma questão educacional, pois a educação é uma intervenção na vida de qualquer pessoa, a fim de torná-la melhor e mais humana. A educação também se configura como socialização, com a preocupação sociopolítica e cultural de introduzir o indivíduo na sociedade existente. Embora a educação não seja

¹ Doutor em Educação. Professor e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC Campinas.

² Advogada. Mestranda em Educação e Bolsista CAPES no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC Campinas.

escrava dessa ordem existente, para alguns, ela é escrava do indivíduo, pois aqui a educação tem como fim o cultivo da humanidade no indivíduo.

A ideia de ser humano educado ou culto surgiu por ocasião do Humanismo, do Neo-humanismo e do Iluminismo, tornando-se uma questão central da educação. Essa lógica se baseia na filosofia racional de Kant, que indica o sujeito e o seu potencial inerente de se tornar autônomo, tornando a educação focada numa verdade particular, enquanto conexão com a racionalidade. Essa ideia se tornou pedra angular de perspectivas críticas da educação, que resultaram na pedagogia crítica, de Hegel, Marx e Paulo Freire. A educação como processo racional, em que as pessoas se tornam autônomas e autodirigidas, torna a racionalidade o marco do que significa ser humano. O autor indaga sobre como poderíamos fazer a educação, se não conhecêssemos a essência do ser humano e se houvesse a superação dos fundamentos humanistas.

Para Biesta, que compreende humanismo no sentido filosófico – pois o humanismo reconhece a essência homem – é possível usar esse fundamento para os esforços políticos e educacionais. Segundo o autor, Emmanuel Levinas considera necessária a denúncia do humanismo, exatamente pelo fato de que ele, o humanismo, paradoxalmente, não é suficientemente humano; Martin Heidegger, por sua vez, entende que o humanismo é **metafísico** e, como tal, fica difícil reconhecê-lo e compreendê-lo.

O que interessa a Biesta, no entanto, é apresentar uma alternativa para compreender o educador como operador da liberação do potencial do ser humano. O educador não é um técnico, mas tem o papel de ser responsável por seres singulares mediante um processo difícil, que é a educação, em um mundo de pluralidade e diferença.

A obra possui prólogo, intitulado “A educação e a questão de ser humano”, e mais seis capítulos, com os seguintes títulos: 1. “Contra a aprendizagem: recuperando uma linguagem para a educação numa era da aprendizagem”; 2. “Tornar-se presença: a educação depois da morte do sujeito”; 3. “A comunidade daqueles que não têm nada em comum: educação e a linguagem da responsabilidade”; 4. “Quão difícil deve ser a educação?”; 5. “A arquitetura da educação: criando um espaço mundano”; e 6. “A educação e a pessoa democrática”, além de um epílogo denominado “Uma pedagogia da interrupção”.

No prólogo, “A educação e a questão de ser humano”, o autor discorre sobre o significado de ser humano em uma perspectiva filosófica. Além disso, aponta a questão educacional, na medida em que a educação é sempre uma intervenção na vida da pessoa. Com Kant, a tarefa da educação se tornou a de revelar ou liberar o potencial da pessoa. Assim, a educação passou a ser compreendida como o processo que ajuda as pessoas a desenvolverem seu potencial racional, tendo a racionalidade se tornado o marco moderno do que significa ser humano. O que interessa ao autor, contudo, é apresentar uma alternativa para compreender a educação. O educador não é um técnico, mas tem o papel de ser responsável por seres singulares, bem como usar o conhecimento visando a melhorias políticas e educacionais.

No primeiro capítulo, “Contra a aprendizagem: recuperando uma linguagem para a educação numa era da aprendizagem”, o autor explica por que a linguagem é importante para a educação, pois, para ele, a educação “é”, e a linguagem descreve “o que é”, embora não seja espelho da realidade. A linguagem importa à educação, porque influencia o que pode ser dito e feito e o que não pode ser dito ou feito. A linguagem da educação tem sido substituída pela linguagem da aprendizagem. Essa linguagem, nessa mudança, se perdeu, devendo ser retomada como linguagem da educação para a educação. O autor destaca a necessidade de se reinventar uma linguagem para a educação, com o propósito de viver pacificamente na consideração do outro.

No segundo capítulo, “Tornar-se presença: a educação depois da morte do sujeito”, Biesta nos alerta que o problema do humanismo é deixar de pensar no ser humano em sua singularidade e unicidade. Essa concepção é fortemente desenvolvida por Immanuel Kant, que entendia que os homens só podiam se tornar humanos, isto é, autônomos, por meio da educação. Biesta traz à lume que a questão educacional chama o ser humano, como ser singular, para vir ao mundo, um mundo de pluralidade e diferença.

No terceiro capítulo, “A comunidade daqueles que não têm nada em comum: educação e a linguagem da responsabilidade”, o filósofo holandês inicia uma reflexão de que as escolas propiciam uma voz específica, a voz das comunidades racionais, ao mesmo tempo em que deslegitimam outros modos de falar. Dessa maneira, a educação moderna busca colocar os alunos em contato com um ponto

de vista geral e racional. Ocorre que esse modelo exclui o estranho, enquanto a nossa sociedade “pós-moderna” clama que a diferença não é apenas inevitável, mas deve ser cultivada, dada a sua preciosidade. Vivemos em uma comunidade racional. A ideia da aprendizagem como aquisição é própria da comunidade racional, mas, ao lado dessa comunidade, resta à educação assegurar oportunidades para encontrar e enfrentar o que é diferente. O primeiro interesse da educação é propiciar às crianças e aos estudantes falarem com sua própria voz. Assim, não se trata de excluir ou negar o papel da educação na reprodução da comunidade racional, mas saber o quanto de outra comunidade é possível ter no sistema educacional. Acentua o autor que nos tornamos únicos e humanos, ao assumir a responsabilidade de nos expormos ao que é diferente.

No quarto capítulo, “Quão difícil deve ser a educação?”, Biesta inicia a sua exposição, alertando-nos de que devemos compreender que a dificuldade da educação é normal, como também é precisamente o que a torna possível, questão que advém de como a política responde à questão da pluralidade. A concepção que lida com a pluralidade e a diferença como obstáculos precisa ser superada. A filósofa Hannah Arendt pensa, segundo o autor, em como a pluralidade e a política podem favorecer a interação humana. Para ela, a ação e a fala são os meios como os seres humanos veem o mundo e os outros. Arendt, assim, revela que a liberdade só existe em estar com outros, de modo que considera como principal tarefa da ação política tornar a pluralidade possível, valorizando os espaços para que a liberdade apareça. A pluralidade se faz urgente, pois, além de ser condição da ação humana, constitui-se como condição da educação.

No quinto capítulo, “A arquitetura da educação: criando um espaço mundano”, o autor continua a demonstrar a sua tese de que a educação é responsável pela vinda ao mundo de seres únicos, singulares. Para tanto, sugere que a responsabilidade da educação, nos dias de hoje, tem a ver com a “criação” de um espaço mundano, de pluralidade e diferença, onde impera a liberdade, possibilitando que indivíduos únicos e singulares venham ao mundo. Biesta parte da noção da *Bildung*, que concebia como educada a pessoa que dominava determinado cânone. Posteriormente, no Iluminismo, a noção da *Bildung* passou a ser compreendida em termos de autonomia racional, chegando-se, com Kant, à compreensão de que o livre pensar só seria possível por meio da educação. Biesta nos leva a refletir sobre

como o ser humano, no capitalismo global, tem sido concebido somente sob um modo de subjetividade: o sujeito como consumidor. Dessa forma, o capitalismo global não se preocupa com o que torna os indivíduos singulares e únicos, mas a responsabilidade educacional nos insta a valorizar a unicidade de cada ser humano. Biesta sustenta que a educação deve oferecer uma resposta aberta para novos e diferentes modos de ser humano. O autor considera, ainda, que a responsabilidade do educador envolve o próprio mundo. Nesse sentido, advoga que a arquitetura moderna do mundo deve ser um espaço que favoreça os encontros e a exposição ao outro e à diferença. Ao utilizar Hertzberger, ele pontua que é preciso procurar alternativas e pesquisar maneiras de transformar a vida das pessoas no envolvimento com outros protagonistas. Biesta conclui ser responsabilidade do educador criar tais espaços mundanos, com “qualidade urbana”.

No sexto capítulo, “A educação e a pessoa democrática”, Biesta nos alerta sobre a necessidade de revisitarmos as questões entre democracia e educação. Critica a concepção que entende a necessidade da democracia por indivíduos que sejam capazes de fazerem os seus próprios julgamentos livres e independentes, para propor uma compreensão que reconheça a democracia como pluralidade e diferença. Ele argumenta que a ação e a subjetividade democráticas são condições para o desenvolvimento de quaisquer sociedades. Biesta entende e delinea, ao longo do capítulo, a sua concepção de que a melhor maneira de educar é por meio de formas democráticas de educação. Para tanto, recomenda uma atenção paulatina à qualidade democrática da escola e ao ambiente de aprendizagem.

Biesta discorre, demonstrando um pouco do pensamento de John Dewey, que concebe o sujeito responsável por modelar a subjetividade, a fim de se ter a pessoa democrática, pois, para Dewey, segundo o autor, a democracia é a forma de interação que mais propicia a educação, na medida em que facilita e apoia a liberação das capacidades humanas. Biesta recorre também às ideias de Hannah Arendt, que concebe o ser humano como um iniciador, mas, para **sermos** sujeitos, precisamos que os outros reajam aos nossos inícios. As ideias da filósofa Hannah fluem na direção de que, isolados, os seres humanos não agem – ou seja, a ação requer a pluralidade. Biesta enuncia que Arendt propicia uma compreensão da subjetividade humana não vista como atributo de individualidades, mas como

qualidade da vivência humana. Hannah compreende que apenas na ação pode a pessoa ser um sujeito democrático.

Assim, Biesta conclui que a democracia possibilita a todos a oportunidade de serem sujeitos, ou seja, de agirem e trazerem os seus inícios em um mundo de pluralidade e diferença, adotando a concepção de Hannah Arendt. Portanto, uma questão educacional relevante é que só podemos ser sujeitos em ação, ou seja, se estivermos em contato com os outros. A educação democrática deve estar centrada na ação, exigindo-se um ambiente educacional que estimule os estudantes a começarem, a tomarem iniciativas. Assim, as escolas devem favorecer que o aluno responda à sua maneira, que é única, às oportunidades de aprendizagem contidas no currículo. O autor considera que o currículo deve prezar por diferentes áreas que estimulem os estudantes a se expressar, por meio de novas maneiras de "iniciar" no mundo.

Biesta nos alerta que os professores devem despender mais tempo e esforços para equilibrar a criança e o currículo, a fim de possibilitar chances reais de iniciar algo novo, imprevisto. Isso exige, por sua vez, que a sociedade seja mais democrática e preparada para oportunizar ações, num mundo de pluralidade e diferença, possibilitando que a democracia se torne realidade. O autor finaliza, dizendo que as escolas não têm a prerrogativa de salvar ou mesmo de criar a democracia; afinal, só por meio das ações e subjetividades democráticas, se desenvolve a sociedade.

No epílogo, "Uma pedagogia da interrupção", o autor levanta as principais teses desenvolvidas no decorrer da obra e termina valorizando a ideia de que a democracia é um compromisso com a pluralidade e a diferença, para que exista um mundo onde a liberdade possa aparecer. Em síntese, a obra de Gert Biesta, *Para além da aprendizagem: educação democrática para um futuro humano*, é filosófica e provoca uma reflexão sobre os fundamentos da pedagogia, traçando outros rumos para a educação. É uma obra recomendada aos interessados no campo da educação e a todos que se interessam por entender suas responsabilidades, a fim de promover uma educação essencialmente democrática.